

Preço da assignatura

Anno	1\$300 rs.
Semestre	650 "
Trimestre	350 "
Numero avulso	30 "

A correspondência relativa á administração devê ser dirigida a Antonio Luiz da Silva Dantas e a relativa á redacção ao director de A Restauração.

Redacção, Administração e Typographia

Rua de Payo Galvão — Typographia Minerva

A RESTAURAÇÃO

SEMENARIO CATHOLICO

Preço das publicações

Annuncios e communicados, linha	40 rs.
Repetição, por linha	20 "
No corpo do jornal	100 "

Os srs. assignantes gosam o desconto de 25 % em todas as suas publicações.

As obras litterarias, quando o mereçam, annunciam-se em troca de um exemplar.

Editor responsavel

José Maria Nunes Guimarães

Congresso da imprensa catholica

Ha semanas que foi lançado a público por um illustre collaborador do *Correio Nacional* um apêllo á imprensa religiosa do pais, para a celebração dum congresso dos escriptores catholicos portuguezes. E temos notado com gôsto que semelhante apêllo foi entusiasticamente correspondido por aquelles a quem se dirigio: o que mostra claramente que veiu despertar uma aspiração que estava em todos os animos e satisfazer a uma necessidade por todos reconhecida.

Pela nossa parte, embora a falta de oportunidade nos haja inhibido de mais promptamente manifestarmos em público a nossa desautorizada adhesão á sympathica ideia, abraçamo-la com a avida vontade com que se abraça a mais sincera e intima convicção propria: pois ha muito que temos o congresso da imprensa catholica por um dos primeiros passos que é preciso dar para elevar á devida altura aquella indispensavel instituição.

Não ignoramos nem encobrimos que esse importantissimo passo está infelizmente muito longe de ser sufficiente para constituir a nossa imprensa religiosa na plana da sua nobre missão. Ha males, de que essa imprensa é gravemente enferma, a que o congresso pouco remedio pôde applicar. Mas é sem dúvida que o congresso, bem planeado e bem executado como é de esperar que seja, ha de remediar muitos males e trazer muitos bens.

E' claro que o congresso ha de tomar as suas deliberações dentro dos principios da fé e moral christã e em harmonia com as regras ensinadas pela Igreja. Mas dentro destes necessarios limites ha muito, muitissimo que fazer: não decerto para completar ou aperfeçoar os ensinamentos christãos—o que seria aberrar delles—mas para estudar e assentar os meios mais proporcionados ás nossas circumstancias para pôr effizicamente em prática aquelles principios e regras.

Por onde (vá uma lembrança que por certo entra nos planos dos benemeritos organizadores do congresso) nos parece de bom conselho que a desejada conferência dos escriptores catholicos se faça sob os auspicios da auctoridade ecclesiastica, a quem compete a alta missão de superintender no apostolado christão. Assim como ninguem se pôde arrogar auctoridade de doutrinador, sem missão legitima, tambem—e ainda com mais razão—nos parece que ninguem pôde legislar sobre as regras do apostolado sem a auctoridade daquelles a quem foi dito: «*Ide e ensinai*».

E ha na chamada imprensa catholica alguns defeitos que o congresso, apesar de toda a sua auctoridade, não poderá remediar sem a intervenção da auctoridade religiosa.

Eia pois. Prosiga-se animosamente na realização do suspirado congresso: e Deus queira que delle se colham os abundantissimos o abençoados fructos de que as nossas tristes circumstancias ham mistér.

L. F.

Carta do Porto

Penitencia. Era a palavra escripta em letras de ouro que no alto dum estandarte percorreu em quarta-feira de Cinza as principaes ruas da cidade do Porto. Não foi só um estandarte que prégou a penitencia. Foram-no ainda mais aquelles santos, vestidos de roxo, que numa attitudo de contemplação e dôr, seguiram numa imponente procissão á frente de Jesus crucificado. Como saciava a alma e enchia o coração vêr-se o triumpho dum supplicado! Não é só a commoção natural despertada pela vista horrorosa dum crucificado, é mais do que isso a fé de que elle é Deus Omnipotente, que faz descobrir e ajoelhem-se á sua passagem milhares de homens de todas as classes sociaes. E Jesus tem direito a este respeito e a este triumpho, porque é Deus, porque é o verdadeiro rei da humanidade, porque nelle está encarnada toda a justiça, porque só elle galardoadá os bons e punirá os maus.

Jesus crucificado, levado em triumpho por entre os povos, é a mais eloquente proclamação do amor, da caridade, da humildade, da obediencia e da submissão e respeito que devemos a Deus e ao proximo. De facto, commovia vêr-se que o Porto assim o comprehendia e assim o proclamava. Por vezes temos presenciado factos desta natureza, em que temos sido obrigado a corrigir para melhor o juizo de descrença e irreligião em que tinhamos este bom povo do Porto; mas nunca tanto como no dia 8 do mês corrente. Vemos uma multidão de povo que na vespera, por mal de nossos peccados, se entregava, quasi sem pensar na sua dignidade humana, a divertimentos profanos e não raro peccaminosos, respeitar integralmente a Deus, descobrindo-se e ajoelhando, recebendo com humildade e submissão aquella lição terrivel que condemnava os seus actos do dia passado, foi para nós e para muitos outros, que como nós esperavam o desacato e a irreverencia, uma lição edificante que nos encheu de esperança e consolação.

Não é para aqui, descrever-se a imponencia e majestade daquelle acto de culto publico; não cabe nos estreitos limites duma carta tanta grandeza e tanto esplendor.

Porém aquella multidão de povo que pejava as ruas, tornando até o transito de peões impossivel, bem mostrava que lhe conhecia o esplendor e que se gloriava na crença dum Deus que, encarnando a mais assombrosa humildade, destruiu pela base o grande edificio que para si tinha construido o orgulho. A arreigar esta fé, apresen-

tavam-se ali, como modelo de virtudes, as imagens de tantos santos e santas que, seguindo o caminho de Jesus na vida, mereceram segui-lo tambem depois da morte, no seu triumpho no ceu e na terra.

A este convite de Jesus, chamando o Porto á penitencia, seguiram-se outros e outros, que todos os dias os sacerdotes de Deus vam fazendo ao povo sedento da divina palavra, em sermões eloquentissimos.

Deve registrar-se o seu numero para edificação de todos e para incitamento ás boas obras. Tem o Porto a felicidade de ser a primeira cidade de Portugal onde se faz o maior numero de sermões quaresmaes: este anno ha, pelo menos, dezenove sermões por semana! Dizemos, pelo menos, porque sabemos haver muitissimas praticas em collegios, em casas religiosas e capellas particulares. Por aqui se pôde julgar que não fallava com o Porto o propheta que disse: «queriam pão e não havia quem lho desse.»

De bôamente crêmos tambem, que não haveria tanta prégao se para isso não houvesse auditorio. E esta crença é um facto.

Fazemos parte dos felizes a quem tem sido dado ouvir alguns muito distinctos oradores e sem exagero da verdade podemos affirmar que em algumas das igrejas onde se fazem ouvir, o povo não cabe. Quem se não antecipar um pouco a obter um lugar dentro do templo, antes do sermão, incorre no desgosto de ter de ficar no limiar ou fora da porta. Pôde tambem dizer-se que os oradores sam evangelicos, que não se prégam a si, mas a Deus. Porém, como é difficilimo, se não impossivel, libertar-se o homem das tendencias da sua epoca, notamos que alguns prégadores não resistiram á philosophia.

E' agradabilissimo, sem dúvida, assistir-se a uma oração em que a razão luta com os preconceitos e com as deficiencias dos conhecimentos, para triumphar do erro e derramar luz sobre os espiritos, mas essa luz deve ser um meio o não um fim; está melhor numa aula ou num livro do que entre os fleis ou na igreja.

A base da educação religiosa é fazer homens bons, não tem como principio fazer sabios de sciencia. Esta vem por acrescimo e torna-se indispensavel para alguns; para todos é precisa a bondade. E esta encontra-se, em theoria e prática, debaixo de todos os pontos de vista, e accommodada a todas as necessidades, no evangelho.

Não seja esta pequena referencia motivo para imaginar-se que ha nesta cidade quem prégue sem Deus, não. Sirva tam somente para se affirmar que os mestres da verdade sabem aqui muita philosophia.

R. L.

Theologia para todos

I

Encadeamento admiravel da Religião.—E' bem para notar-se que na Religião tudo se liga por um

encadeamento admiravel. Desde a primeira phrase do catecismo até á última, todas as verdades se seguem e encadeiam com uma logica impeccavel.

Verdades para orer.—O que nos eleva acima dos animaes é a nossa intelligencia feita para a verdade. Ah! quantas fadigas, quantas vigílias não faz a verdade supportar! O sabio a procura á custa dos maiores trabalhos; mas o ignorante tambem a busca, porque sente a necessidade della. A intelligencia é feita para a verdade, como a ave para voar. Mas Deus, que creou a nossa intelligencia, quer que ella lhe esteja sujeita. Por isso é que lhe impôs um certo numero de verdades para crer, sob pena dos mais terribes castigos no caso de negação e revolta. Estas verdades estão contidas no Symbolo e formam a primeira parte do catecismo.

Deveres para praticar.—Mas não basta crer verdades; é preciso praticar deveres. A par da intelligencia temos outra faculdade importante, que é a vontade. Depois de ter pensado, é preciso operar: pôde até dizer-se que o pensamento nos foi dado principalmente para esclarecer a accção. Mas, assim como Deus, nosso Senhor soberano, submetteu a si a nossa intelligencia, quis tambem sujeitar e dominar a nossa vontade. Por isso impôs-lhe ou prohibiu-lhe um certo numero de accções. Vêde os mandamentos de Deus e da Igreja; todos ordenam ou prohibem alguma coisa: adorar a Deus, não profanar o seu santo nome, santificar o domingo, etc. Eiz a segunda parte do catecismo.

Meios para empregar.—Ha finalmente uma terceira parte. Crer verdades e praticar deveres ainda não é tudo. Para um se salvar é preciso empregar certos meios. Arrancaí á ave as pennas: debalde agitará as asas, porque lhe será impossivel voar; as pennas sam para a ave um meio necessario para se elevar aos ares. Do mesmo modo, se queremos elevarnos um dia ao ceu, é preciso que adoptemos os meios que Jesus-Christo instituiu para isso: a oração e os sacramentos. Sam-nos necessarios, porque nos dam a graça, e sem a graça não podemos salvar-nos.

II

A graça

Necessidade da graça.—A primeira vista parece extraordinario que nada possamos fazer na ordem da salvação sem a graça. E' comtudo esta affirmação enuncia uma verdade.

Jesus-Christo.—Consultemos o Evangelho, esse livro admiravel que contém as palavras e a doutrina do Mestre. Depois de ter empregado a bella comparação da vinha e dos ramos e mostrado que o ramo não pode ter uvas se não estiver ligado ao tronco, compara-se a este, e acrescenta estas palavras: «Sem mim nada podeis fazer.» (S. João XV, 5).

Sem o auxilio divino nada pois podemos fazer. Ora este auxilio

divino é a graça.—Alem disso, muitas vezes Jesus faz sobresaír nossa fraqueza e a necessidade que temos delle. Na bella oração do «Padre nosso», faz dizer aos apóstolos e a todos os chistãos este pedido: *E não nos deixeis cair em tentação.* Nós sós pois não podemos evitar o peccado.—E' a mesma recommendação que faz aos que o acompanham ao jardim das oliveiras na tarde da sua agonia: *Vigiai e orai para que não entreis em tentação.* Os apóstolos, em vez de vigiar e orar, preferiram dormir. E todos tres abandonaram cobardemente o seu Mestre, porque não se pôde permanecer fiel sem a graça, e esta é-nos dada pela oração.

S. Paulo.—S. Paulo nas suas epistolas não fallou doutro modo. Na segunda epistola aos Corinthios diz estas palavras: «Não que nós sejamos capazes de formar de nós mesmos algum bom pensamento como vindo de nós mesmos, mas Deus é quem disso nos faz capazes.» (III, 5). Só Deus é que nos dá os bons pensamentos, e por maioria de razão o poder de os levar a effeito.—Na epistola aos Philippenses, o Apóstolo não é menos categorico: «Deus é quem opera em vós não só o querer, mas o obrar, segundo a sua vontade.» (II, 13). E' pois certo que a graça nos é absolutamente necessaria para obtermos a nossa salvação.

A experiencia.—A felicidade eterna está acima das nossas forças naturaes, como o ceu está acima da terra. Se pois queremos por nossas obras merecer esta vida bem-aventurada, é preciso que nellas entre um elemento que as eleva acima de si mesmas, que, numa palavra, as torna celestes. Este elemento é a graça.—Uma comparação nos auxiliará a comprehender. Uma macieira brava, abandonada a si mesma, não pôde produzir senão maus fructos. Mas se apparece um agricultor que póda a arvore e nos ramos cortados faz enxertos duma boa e excellente macieira, em alguns annos a arvore bravia dará fructos numerosos e succulentos. A graça é como o enxerto: transforma nossas accções, torna-as boas e meritorias para o ceu.

Natureza da graça.—A graça é um dom sobrenatural que Deus nos concede por pura bondade, em virtude dos merecimentos de Jesus-Christo, para nos ajudar a alcançar a nossa salvação.

Logo a graça é um *dom*, isto é, uma cousa á que nós não temos nenhum direito e que não podemos obter por justicia. Um assassino acaba de ser condemnado á morte, mas o rei concede-lhe a graça da vida; eiz um *dom*, uma graça numa palavra.—E' alem disso um *dom sobrenatural* que nos eleva acima da nossa natureza humana. Esta pôde sem duvida produzir certos actos, mas nunca poderá só conduzir-nos ao ceu, que é um bem sobrenatural: é preciso por isso a graça.

Caidos no peccado em consequencia da culpa do nosso primeiro pae, eramos por nós mes-

mos incapazes de nos tornar a levantar e de fazer qualquer coisa na ordem da salvação. O Verbo eterno, movido duma compaixão infinita, offerece-se a seu Pai para expiar em nosso lugar e nos restabelecer no nosso primitivo estado. E Deus, considerando os infinitos merecimentos que esta amorosa Victima devia adquirir, consente em perdoar ao homem e recebê-lo em sua graça. Neste sentido é que todas as graças que recebemos, nos são outorgadas em *atenção aos merecimentos de Jesus Christo e por pura bondade*.

Emfim, de numerosos obstaculos está cheia a estrada do ceu. A graça é um socorro que nos torna mais fortes e nos auxilia a vencê-los para obtermos a nossa salvação.

(Continúa).

SCIENCIA PRATICA

A malva

É esta uma das plantas que mais serviços tem prestado á medicina. Entre nós o seu uso tem sido limitado exclusivamente á pharmacia. As suas propriedades medicinaes não padecem duvida; é um dos poucos vegetaes sobre cuja acção não ha equivoco. A semelhança da linhaça e outras substancias mucilaginosas, deminue a dor, o calor, a tensão, acalma a irritação das partes sobre que se applica; possui propriedades emollientes, refrescantes e relachantes que todos concordam em lhe attribuir. Em geral recorre-se a ella para operar a medicação atonica, em todos os casos em que é preciso deminuir ou fazer cessar um estado de excitação muito forte quer seja geral, quer local. A sua grande abundancia em todos os lugares permite aos menos favorecidos da fortuna fazer della provisão para os casos em que a medicina caseira della se serve. A infusão de malva, adoçada com açúcar ou mel, constitue uma bebida extremamente util em quasi todas as doenças agudas. Della se usa com successo nas aphtas, angina, gastrite, nos diversos envenenamentos por substancias acres e corrosivas, na diarrheia, dysenteria, etc. Emprega-se diariamente com successo nos exanthemas agudos, tais como a variola, o sarampo, a erisipela simplez, etc. É preciso contudo evitar abusos; o uso muito tempo continuado, ou em quantidade excessiva desta infusão, como de toda outra substancia mucilaginosa, termina por enfraquecer o estomago, por alterar as funcções digestivas, tornando-se portanto necessario, nas doenças em que della se faz applicação durante muito tempo, adoçá-la e aromatizá-la convenientemente, a fim de prevenir os seus effeitos debilitantes.

Com a malva se prepara uma multidão de medicamentos de uso diario. Assim, emprega-se para acalmar as cólicas, as dores do recto e o tenesmo dos dysentericos. Della se fazem gargarejos calmantes, extremamente vantajosos para combater as aphtas da bocca, a angina guttural e a salivacão mercurial. applica-se em collyrio sobre os olhos attingidos de inflammação, ulceras, e por consequente em casos de cataracta, etc. Injecta-se tepida no conducto auditivo para acalmar as dores cuja séde é muitas vezes o ouvido. Enfim, a decocção da planta salutar é applicada quotidianamente com vantagem quer em fomentação, quer em cata-

plasma sobre os tumores inflammatorios e até sobre as ulceras inflammadas, para acalmar a dor, dissipar a obstrucção de humores, favorecer a resolução e facilitar a formação da cicatriz.

CURIOSIDADES

Os maiores tunnels do mundo.—Está concluido o tunnel de Simplon, que é o mais comprido que ha presentemente. Devia de custar uns 80 milhões de francos. Projectado ha mais de meio seculo, só agora foi possível concluí-lo. As difficuldades da perfuração foram enormes, devidas principalmente á temperatura, que nalguns pontos variava entre 30 e 50°, e as abundantissimas nascentes de agua que a cada passo appareciam. É uma das obras mais importantes, se não a mais importante, da engenharia moderna. O tunnel do Monte Cenis tem 13^{chm.} 300 e levou quatorze annos a construir, de 1857 a 1871; o de Santo Gothardo tem 15 kilometros e gastaram-se nove annos na sua construcção. E sete annos bastaram para abrir os 20 kilometros do tunnel de Simplon, num andamento medio de 7 metros por dia. O custo do kilometro era actualmente de 3.750.000 francos. Este tunnel dá communicacão da Suíça com a Italia.

Exposição.—Segundo referem as gazetas, na exposição de S. Luis, na America, viram-se coisas extraordinarias. Lá se viu a estatua da mulher de Loth talhada num bloco de sal, a estatua de John Stewart, modelada num bloco de manteiga, vestidos de bailes de vidro fiado, uma porta monumental e os seus pilares de grãos de milho, outra de bananas, um elephante de ameixas passadas, um urso de uvas tambem passadas, etc. Muita engenhosidade e muita paciencia!

Barometro.—No Mexico está agora em uso a correspondencia do correio dar indicações metereologicas. Como se usa em toda a parte, nas estações postaes inutilizam-se as estampilhas com um carimbo que marca o local da estação e o dia em que a correspondencia é expedida ou recebida. Pois no Mexico o carimbo, em lugar de fazer essas indicações, traz uma das inscripções que ordinariamente figuram nos barometros: *bom tempo, chuva, variavel*, etc. Segundo as indicações fornecidas pela estação central de metereologia, o empregado assim compõe o carimbo. Quando o destinario recebe uma carta, no dia seguinte, já sabe que tempo fará. Se os metereologistas não se enganarem, isto era um grande achado.

Olhos.—Entrou no dominio cirurgico a coloração artificial da iris. Os doutores Haskell e Hefforman, de Boston, já obtiveram bons resultados num grande numero de operações deste genero. Depois de terem cocainizado o olho, fazem com diferentes agulhas extremamente finas uns cem pontos na córnea a uma pequena profundidade e ahi depositam algumas gotas dum pigmento especial azul, verde, negro, etc., segundo a cor que se deseja dar á iris. Uma semana de repouso sem ler nem escrever, e a operação dá bom resultado. E assim nós veremos, talvez dentro em pouco, olhos cor de rosa, amarellos, vermelhos, cor de azeviche, castanhos, etc., em individuos a quem a natureza não tinha servido segundo os seus desejos.

Naris.—Para completar a nota dum dos últimos numeros deste periodico, acerca do systema do medico de Berlim que refaz ou endireita os narises, acrescentaremos o seguinte: Um indiduo tem um naris achatado, desgracioso; vai ao medico indicado e elle, com a sua serra magica passa debaixo da pelle de cada lado do naris, e depois de ter serrado os dois ossos cuja reunião fórma o esqueleto do naris, levanta-o e o conserva no seu lugar durante a cicatrização por meio duma peça que tem a fórma duma luneta. Ao cabo de oito dias o naris conserva-se solidamente no seu lugar e sem que a pelle fique prejudicada, elle perde o defeito que tinha e fica com uma saliencia de contornos normaes. Quem quiser um naris bonito vá a Berlim.

Maçãs.—Uma associação curiosa no país das associações extravagantes é a *associação das maçãs*. Com o fim de favorecer a cultura da macieira, já muito importante nos Estados-Unidos, e para lutar com a invasão das frutas do Canadá, a associação de que fallamos exige a seus membros que tomem o compromisso de comer durante a estação duas maçãs—crãs ou cozidas—por dia, e de as pedir em toda a parte, no restaurante, no hôtél ou em viagem e em todas as occasiões possíveis. Os resultados sam já tangiveis: os produtores da California viram em menos dum anno augmentarem no dobro os seus lucros. A coisa, posto que risivel, não deixa de ter o seu lado pratico.

NOTICIARIO

Seminario-Lyceu.—Damos em seguida a nota dos alumnos matriculados neste estabelecimento litterario no presente anno lectivo, com indicação dos que transferiram a matricula para outros lyceus, ou para o ensino particular e domestico, bem como dos que perderam o anno por faltas, ou por insufficiencia da média.

Matriculados na 1.ª classe.....	78
Transferidos para o ensino particular.....	11
Transferidos para o ensino domestico.....	1
Perderam o anno por faltas.....	1
Perderam o anno por falta de média.....	6
	59
Matriculados na 2.ª classe.....	61
Transferidos para o ensino particular.....	7
Transferidos para o ensino domestico.....	3
Perderam o anno por falta de média.....	3
	48
Matriculados na 3.ª classe.....	71
Transferidos para o ensino particular.....	12
Transferidos para o ensino domestico.....	2
Perderam o anno por faltas.....	1
Perderam o anno por falta de média.....	2
	54
Matriculados na 4.ª classe.....	56
Transferidos para outros lyceus	2
Transferidos para o ensino particular.....	2
Perderam o anno por falta de média.....	2
	50
Matriculados na 5.ª classe.....	25
Transferidos para outros lyceus	1
Transferidos para o ensino domestico.....	1
	23
Proseguem a frequencia até ao apuramento final.....	234

Festa a S. José.—Promette ser grandiosa a festa que, em honra do seu pratrono o glorioso patriarcha S. José, promove para o proximo domingo a florescente e benemerita instituição operaria desta cidade—Circulo Catholico S. José e S. Damaso.

Esta festa, por todos os titulos sympathica, constará do seguinte:

De manhã, ás 8 horas precisas, missa cantada e communhão, na igreja do Seminario-Lyceu.

Ao evangelho, subirá ao pulpito o primoroso orador sagrado, rev. snr. Padre José A. Correia, prefeito do Seminario.

A noite, pelas 7 e meia horas, haverá, na séde do Circulo, uma sessão solemne, em que fallará o snr. Geraldo Quesado Baccellar de Araujo, eloquente orador, de Vianna do Castello.

No sabbado, de tarde e á noite, haverá confessores na igreja do Seminario, para todos os socios que desejarem preparar-se para a sagrada communhão.

Sociedade Martins Sarmiento.

—Como dissemos, realizou-se na passada quinta-feira a sessão solemne da benemerita Sociedade Martins Sarmiento, desta cidade, para a distribuição de premios aos alumnos mais distinctos das várias escolas primarias do concelho.

Presidiu é sessão o snr. Dr. Antonio Marques da Silva Lopes, vice-presidente da Camara Municipal, visto o respectivo presidente, snr. Abbadé de Tagilde, ser o presidente da Sociedade Martins Sarmiento.

Cerca das 11 horas da manhã o snr. Abbadé de Tagilde, na qualidade de presidente da Sociedade, deu principio á sessão dirigindo ao snr. vice-presidente da Camara uma substanciosa e bem elaborada allocução expondo os factos mais importantes da Sociedade durante o ultimo anno e mostrando que ella progride sempre.

Respondeu-lhe o snr. Dr. Antonio Marques da Silva Lopes que teve palavras de merecidissimo elogio para a benemerita Sociedade a cuja festa annual vinha presidir.

Procedeu-se em seguida á distribuição de premios sendo o primeiro o premio *Franco Castello Branco*, de 30.000 reis, que foi entregue a Luis Joaquim Illydio, da Escola do Sagrado Coração de Jesus, desta cidade.

Os restantes premios, que constavam de diplomas e dictionarios da lingua portugueza, de Fonseca e Roquette, foram distribuidos por 80 alumnos das varias escolas primarias do concelho.

O premio *Venancio*, 15.000 rs., foi dividido em cinco partes e sorteado por todos os alumnos premiados, cabendo aos seguintes:

Judith da Silva Fernandes, da escola de S. Paio, desta cidade; Maria Gonçalves da Silva Guimarães, da de S. Torquato; Antonio Moraes, da de Santa Maria de Airão; Ernesto de Castro, da de S. Martinho de Sande; e Silvestre Gomes Cardoso, da de S. Pedro de Azurey.

Finda a distribuição usaram da palavra os snrs. Presidente da Academia Vimaranesense, Dr. Joaquim José de Meira e José Antonio Crespo, professor official, sendo muito applaudidos.

Nomeação.—Acaba de ser nomeado professor interino do Lyceu Central de Coimbra o snr. dr. Alfredo Lopes de Mattos Chaves.

Parabens.

Associação da Santa Infancia.—Sam do Rev. Director local as informações que aqui publicamos a respeito desta benemerita associação e que se referem ao exercicio de janeiro a dezembro de 1904.

Os bellos resultados obtidos e que de anno para anno accusam um augmento notavel nas receitas bem mostram o zelo e a dedicacão das várias pessôas, de todas as condições e cathogorias sociais, que nella collaboram.

1.ª sub-divisão (Seminario):

Producto das listas.....	304\$890
Esmolas avulsas.....	7\$810
Liquidação dum legado (do Comendador Manuel José Teixeira).....	125\$780
Total.....	438\$480
Despesas.....	10\$000
Liquido.....	428\$480

2.ª sub-divisão (Collegio da Sagrada Família):

Producto das listas.....	31\$240
Esmolas avulsas.....	11\$760
Total.....	43\$000
Despesas.....	2\$200
Liquido.....	40\$800

3.ª sub-divisão (Collegio de Nossa Senhora da Conceição):

Producto das listas.....	21\$200
Esmolas avulsas.....	10\$400
Total.....	31\$600
Despesas.....	2\$300
Liquido.....	29\$300

4.ª sub-divisão (Nespereira):

Producto das listas.....	41\$440
Esmolas avulsas.....	3\$000
Total.....	44\$440
Despesas.....	3\$000
Liquido.....	41\$440

5.ª sub-divisão (Athães):

Producto das listas.....	23\$820
Despesas.....	800
Liquido.....	23\$020

Resumo dos totaes:

Producto das listas.....	422\$590
Esmolas avulsas.....	32\$970
Legado.....	125\$780
	581\$340
Despesas.....	18\$300
Liquido.....	563\$040

Fallam eloquentemente estas cifras. Não ha outra terra em Portugal onde os collectores e collectoras da Santa Infancia trabalhem com mais ardôr do que em Guimarães.

Solemnidades quaresmaes.

—Realisa-se amanhã, pelas 4 horas da tarde, no templo da Real Irmandade dos Santos Passos, o 2.º sermão quaresmal, sendo orador o rev. Gaspar da Costa Roriz, commissario da V. O. T. de S. Francisco.

Findo o sermão ficará á veneração dos fieis o 2.º Passo, representando a *Prisão de Jesus*.

Mês de S. Torquato.

—Procedeu-se domingo á eleição da mesa que ha de gerir os negocios da Irmandade de S. Torquato, durante o anno economico de 1905 a 1906, sendo eleitos, sem opposição, os seguintes snrs.:

Juiz, Antonio de Freitas Ribeiro; secretario, João de Faria e Sousa Abreu; thesoureiro, José Abilio de Freitas; procurador, João Ribeiro de Faria; mordomos: Abilio Gomes de Mello, João Antonio Alves de Freitas Torres e João José Fernandes.

Inspecção aos reservistas.—Pelo commandante do districto de Recrutamento e Reserva n.º 20 foram designados os dias abaixo mencionados para inspecção aos reservistas domiciliados na área deste concelho, sendo:

No dia 9 de abril, para os das freguesias de:

Abbação (S. Christovão), Abbação (S. Thomé), S. João Baptista de Airão, Santa Maria de Airão, Aroza, Athães, Azurey, Aldão, Balazar, Barco, Briteiros (Santo Estevão), Briteiros (Santa Leocadia), Briteiros (O Salvador), Brito, Caldellas, Calvos, Candoso (S. Martinho), Candoso (S. Thiago), Castellões, Conde, Corvite, Costa e Creixomil.

No dia 16 de abril:

Donim, Fermentões, Figueiredo, Gandarella, Gemeos, Gominhões, Gonça, Gondar, Gondomar, Guardizella, Santa Maria de Oliveira de Guimarães, S. Paio de Guimarães, S. Sebastião de Guimarães, Infantas, Infias e Lobeira.

No dia 30 de abril:

Leitões, Longos, Lordello, Mascotellos, Matamá, Mesão frio, Moreira de Conegos, Nespereira, Oleiros, Paraizo, Pencello, Peniteiros, Pinheiro, Polvoreira, Ponte, Prazins (Santa Eufemia), Prazins (Santo Thyrsio), Rendufe, Sande (S. Clemente), Sande (S. Lourenço), Sande (S. Martinho) e Sande (Villa Nova).

No dia 7 de maio:

Selho (S. Christovão), Selho (S. Jorge), Selho (S. Lourenço), Serzedello, Serzedo, Silveiras, Souto (Santa Maria), Souto (O Salvador), Taboadello, Tagilde, S. Torquato, Urgeses, Vermil, Vizella (S. Faustino), Vizella (S. Paio), Caldas de Vizella (S. João Baptista) e Caldas de Vizella (S. Miguel).



Derrama parochial.

—A contar de 1 do corrente e por espaço de 60 dias acha-se em cobrança a derrama parochial da freguesia de S. Sebastião, desta cidade, em casa do thesoureiro da Junta de Parochia snr. Manuel Bernardo Alves, no largo de D. Affonso Henriques.

Aviso aos contribuintes da referida freguesia.



Recenseamento eleitoral.

—O praso para as reclamações do recenseamento eleitoral deste concelho principia no dia 18 de março e termina no dia 11 de abril.

As listas acham-se patentes na secretaria municipal.



Administrador do concelho.

—Tendo de ausentar-se para Lisboa, a tomar parte nos trabalhos parlamentares como deputado da nação, vai pedir a sua exoneração de administrador deste concelho o snr. dr. Gaspar de Abreu e Lima.

Na sua ausencia consta que será nomeado administrador interino o snr. Gaspar Ribeiro da Silva e Castro, notario publico desta comarca.



Estrada de Tagilde.

—A Camara Municipal, na sua ultima sessão, fez arrematar em hasta pública a construcção da 3.ª empreitada da estrada de Tagilde, sob a base de licitação de 1:000,000 reis.

Foi adjudicada ao empreiteiro Bento Martins pela quantia de 625,000 reis.

Preços dos cereaes.

—No mercado do ultimo sabbado os cereaes venderam-se nesta cidade pelos seguintes preços:

Trigo	15000
Centeio	800
Milho alvo	900
Milho branco	800
Milho amarello	780
Feijão vermelho	15150
Feijão branco	15250
Feijão amarello	960
Feijão rajado	840
Feijão fradinho	850

Bibliographia

Recebemos e agradecemos:

Echos de Roma, n.º 2 do anno III, cujo summario é: Jubileu episcopal. A Roma, Portuguezes! D. Theotónio, bispo de Meliapor. Londres. Brio nacional. *Res nostrae*. A flor e a vida (poesia). Fastos de Roma. Palacio de Latrão. Consulta (festas da semana santa).

Na capa — Importante! Numero especial. Entre nós. A cabana do bosque.

Ilustrações—Cardial Vicente Van-nutelli. Immaculada Conceição na igreja de S. Joaquim (Roma). D. Theotónio, bispo de Meliapor. A igreja de S. Joaquim (Roma). Palacio de S. João de Latrão.

Propaganda Catholica, n.º 98, correspondente ao mês de fevereiro. O summario é: Advertencia. Deus. O homem. O christão. A educação. O nosso destino. A vida. A Providencia. Fim dos impios. A salvação. A alma. Requisitos para salvar-se. O peccado mortal ou a queda. Dilação da conversão—Confissão—Communhão.—A Santissima Virgem. O ceu.

Boletim Salesiano, n.º 3, correspondente ao mês de março. O summario é: A Igreja de Jesus-Christo. Ao Santissimo e Beatissimo Padre Pio X. O representante do successor de D. Bosco na America. Missões. Graças de Maria Auxiliadora. Noticias de aquem e além mar. Varias noticias. Cinco lustros de historia do oratorio salesiano de Turim.

—«In memoriam». E' uma bella publicação, que no seu meio cento de páginas, excellentemente impressas, presta sentida homenagem ao grande apostolo, ha pouco finado, Padre João Baptista Meli. Entre os numerosos e illustres colaboradores figuram os Ex.^{mos} Arcebispo Primás, Bispo de Lamego e Bispo da Guarda.

—A Fé, n.º 1 do I anno. E' uma nova revista mensal, catholica, scientifica e litteraria, que principiou a publicar-se em Barcellos. Este primeiro numero vem illustrado com um retrato do SS. Padre Pio X, e apresenta-se bem redigido.

LITTERATURA

A FOLHA SÊCCA

«J'envoie un soupir à ceux qui m'aiment».

Sêcca folhinha mirrada,
Na asa do vento onde vais?
Espera: leva contigo
Um suspiro, nada mais.
Se os montes de alem passares,
Has de levá-lo a meus paes.

A meus paes!... Talvez nesta hora,
Vendo o meu leito deserto,
Vendo à mesa abandonado
O logar onde era certo,
Como eu revolvam na mente
Do regresso o dia incerto.

Mas, folha, chega-te ao seio,
Une-te ao coração,
Que has de partir inda quente
Do calor deste volcão:
Hei de abraçar-te c'o pranto
Da mais pura devoção.

Brinco innocente das auras,
E's toda o retrato meu:
Foste já viçosa e bella,
Hoje teu viço morreu;
Infesto norte soprou-te,
Verme ruim te mordeu!

Sou qual és e fui qual foste.
Nem só tu és malfadada:
Se do tronco, onde pendias,
Te segou fera rajada,
Ao lar paterno roubou-me
Do destino a mão gelada.

Sou tambem folha mesquinha,
Que na esperança vicejei:
Oculto verme roeu-me,
Não mais na árvore fiquei.
Sopra-me a brisa ao acaso;
Onde—ai triste!—poisarei?

Quem sabe?... Talvez bem cedo
Se erga o espectro da morte,
Que sob o musgo da campa
A'manhã me esconda a sorte,
Que minhas cinzas dispersas
Dentro em pouco espalhe o norte.

Mas que penso?... Pobre folha,
Veloz corre ao lar paterno:
Fende os ares como um raio,
Que despede a mão do Eterno;
Corre veloz; não te pese
Suspiro dum filho terno.

Foje, vai, não te demores:
Sê mensageira fiel;
Pinta ao vivo, se pudeses,
Minha saudade cruel,
Saudade que me destilla
Dentro na alma acerbo fel.

Immensa ferrea barreira,
Que só vence o pensamento!...
Ausencia, como é amargo
O teu primeiro momento,
O adeus da despedida,
A hora do apartamento!

Trago-te inda impresso na alma,
Dia solemne e fatal:
Vejo-te inda em pranto immersa,
Candida mãe sem igual;
De meu pae sinto os soluços
Naquelle abraço final!...

De meus irmãos pequeninos
Vejo inda as faces molhadas
Daquelle pranto innocente
Que invejam almas tisnadas;
Oigo-lhe inda os ais doridos
Entre palavras cortadas!

Santo asylo, onde venero
Dóces memorias da infancia,
Vejo-te inda... Embora ausente,
Mau grado á longa distancia,
Vejo-te inda, humilde tecto
Da paterna cara estancia!

Oigo inda dum terno amigo
A chorosa voz tremente:
Sinto inda a face escaldar-me
Ora uma lagrima ardente,
Ora os osculos sentidos
Do seu adeus eloquente!

Sinto e vejo e oigo tudo,
Tudo... amigos, paes, irmãos,
Uns beijando-me nas faces,
Cingindo-me outros as mãos:
Todos beijo e abraço todos,
Porém tudo... em sonhos vão!

Basta, ó folha, la quebrando
O ferreo sonho ao passado;
La erguendo ao que já fôra
O negro manto pesado.
Folha, adeus! Corre ligeira;
Conceda-te o ceu bom fado!

A. Lima.



O PÃO DA VIRGEM (1)

(CONTO INFANTIL)

Vinde cá, filhinhos... Assim... mais perto... aqui ao pé. Desejo acariciar-vos as loiras cabecitas, dar allivio á minha vista cansada com fitar-vos as pupillas scintillantes de luz e de innocencia. Ainda é cedo para saberdes, penhores meus, o contentamento que ha no admirar, através da luz dos vossos olhos, a pureza immaculada da vossa alma.

Mas... ah! bem os intendo, seus petizes. Esses labios rosados e humidos, uns morangos com o orvalho da madrugada, estão-me a repetir em coro, sabem o quê?... «Diga-nos um conto!»

Pois lá vai um conto do *Pão da Virgem*; mas ham de prometter-me que em toda a vida seram sempre muito amiguinhos da Santissima Virgem, e thais particularmente ainda no santo mês de maio.

Ora pois! mãos á obra.
Era Diogo um meigo pequenino, de 6 annos, tam bom, tam sympathico, tam amavel, mas tam infeliz, que, se por ventura o conhecesseis, haviéis de ficar a querelhe como a um dos vossos companheirinhos. O pae, um pobre jornalista de enxada, foi trabalhar para umas minas, longe, muito longe... e nunca mais o viram dali voltar!

Uma violenta explosão de dynamite fez desabar sobre o desgraçado immensas moles de pedra, e ali ficou, coitado, sem carecer lhe dessem outra sepultura.

A mãe de Diogo, vivendo, ella e o filho, do que o marido lhe mandava, ao ter a triste noticia de tamanho desastre, caiu doente, muito doente, succumbindo, a pouco e pouco, de dôr e de fome.

«Dioguinho, meu filho, vou deixar-te nesta vida sózinho... Porém, fica-te uma mãe, que nunca te abandonará: é a Mãe do Ceu. Quere-lhe tu sempre muito, filho do meu coração, e sê sempre bom, muito bom. Virá um dia em que outra vez nos havemos de encontrar no ceu.»

Dioguinho escutava a mãe, sem bem lhe entender as palavras, e entretanto uma coisa, assim a modo de soluço, subia-lhe do peito á garganta.

A physionomia da pobre mãe ia-se tornando cada vez mais pallida, mais desfigurada. Grossas lagrimas tremiam-lhe nas palpebras inferiores sem chegar a rolar, como geladas já ao sopro frio da morte.

Diogo cravava os olhos na mãe, e chorava—porque chorar é o que sabem os meninos desde que nascem—e chorava sem soluçar, porque lhe parecia que sua mãe se ia descaindo em somno, e não queria despertá-la.

A mãe por fim adormeceu, para não mais acordar!

Algun tempo se ficou Diogo a olhá-la em silencio.

Depois chamou-a uma, chamou-a duas, três... muitas vezes... sem obter resposta. Beijou, cobrindo de lagrimas, uma daquellas mãos, que pendia da miseravel enxerga, mão fria, muito fria!

E Diogo voltou a fitar o rosto de sua mãe, em que primeiro a fome, e depois a morte, haviam impresso uns estigmas fataes. Diogo teve medo, e fugiu do pobre albergue, sem rumo fixo.

No mundo, mais não era elle agora que um orphão sem pae nem mãe, desamparado de todos, na tenra idade de seis annos apenas!

«Onde estará o ceu!» inquiria elle consigo mesmo, andando, andan-

do por um caminho além, a que nunca achava o fim! «O ceu deve de ser coisa de muito valor, visto que, para irem para lá, deixaram os meus paes o seu Dioguinho a quem tanto queriam! No ceu todos têm pão, têm pão todos os dias, têm pão sempre. Ninguem lá recieia tiritar de frio... Mas onde é o ceu?»

E Dioguinho, caminhando, caminhando sempre, chegou aos arrabaldes duma cidade, caído, á força de cansaço e debilidade, nos degraus duma ermida.

Se não fôra a piedosa aldeã que velava aquelle humilde Santuario, ali houvera fallecido o pobre Dioguinho.

E a aldeã era uma mulher velha, feia, bastante feia, a pobre aldeã.

—Quem és tu, filho, e donde é que vens a estas horas?

—Eu sou o Dioguinho. Meus paes deixaram-me só, e foram para o ceu. A mãe porém disse-me que um dia lá os havia eu de encontrar. Mas... onde é o ceu? Tenho andado tanto, tanto, para encontrá-los, e já não posso mais.

—Vem, filho, vem commigo, soluço enterneceida a boa mulher; depois iremos procurar teus paes. Um lar abrigadinho e uma fatia de pão, sempre haverá para te dar. Vem, meu filho; ora mais, ora menos, sempre alguma coisa nos ha de dar Deus para comer.

—Aqui tens este anjo do ceu, que Nosso Senhor te envia, disse a aldeã ao marido, quando entrou em casa, a curta distancia da ermida.

—Até agora não nos ha Nosso Senhor dado filhos, e hoje nos manda este, meio crescidito.

E dito e feito; Dioguinho ficou filho de adopção daquelle par bem dado, e ainda que os affagos que recebia não substituiam as caricias do pae e da mãe, no entanto o orphãozinho chorava cada vez com menor pena, ao lembrar se dos entes que havia perdido; e não gemia de frio, de fome, porque pão, sim pão, lh'o dava, graças a Deus, em abundancia, a santa velhinha que o agasalhara.

Sem embargo, não saia da mente de Dioguinho a ideia de ir para o ceu.

—Quando vamos, tia Maria, quando, a encontrar-nos com a minha mãe, interrogava elle a cada passo? Por que é que me não leva vossemecê para o ceu? Foi isso o que nós combinamos, ora não foi?

—Olha, Dioguinho, reza muito ao Senhor e á Santissima Virgem, e continuando a ser muito bom, verás tu como bem cedo has de chegar ao ceu.

Dioguinho, como a mãe, embora pobre, o havia educado muito bem, sabia o *Padre-Nosso* e a *Ave-Maria*, e tinha como unico recreio ir á ermida, dedicada a Nossa Senhora das Dores, passando ali horas e horas deante da bendita imagem.

A devota ermida, que através dumas toscas grades de madeira, fixadas na porta, deixava descobrir o altar e um modesto retabulo, estava construida num encruzamento de azinhagas, á sombra de robles seculares, e ladeavam-lhe a entrada caracoleiras e passionarias, sementadas pelo zelo piedoso da tia Maria, que, trepando parede acima, festonavam a porta, e cujas flores, agitadas pela aragem, enviavam á Virgem dolorosa o insenso modesto de seus perfumes.

Os caminhantes, ao emprehenderem soas jornadas, como ao passarem aqui encontravam sua Mãe, saudavam-na com preces fervorosas, encomendavam-se á sua protecção, e, em voltando, rendiam-lhe graças e deixavam deslizar donativo humilde na caixa que viam suspensa do gradeamento da porta.

(Continúa).



(1) Versão do hispanhol.

Curso de Economia Social

PELO

R. P. Ch. Antoine, S. J.

LENTE CATHEDRATICO NA UNIVERSIDADE CATHOLICA DE ANGERS

Vertida em portuguez

PELO

Presbytero Miguel Ferreira de Almeida

Doutor na S. Theologia e Direito Canonico, Conego Honorario da S. Basilica do Loreto com honras de Familiar e Commensal do Papa, Capitular da Sé de Vizeu, Secretario Geral da Congregação universal da Santa Casa do Loreto em Portugal, Condecorado por Leão XIII com a Cruz de ouro de 1.ª classe "pro Ecclesia et Pontificie et redactor da "Revista Catholica".

E' por todos sabida a importancia cada vez mais extraordinaria da grande e espantosa questão social, que, desde ha muitos annos, absorve as attenções dos governos, tanto das nações mais humildes, como das de primeira ordem.

A esta questão prendem-se os mais altos interesses, não só politicos, economicos e sociais, mas até mesmo religiosos.

São bem sabidos os esforços que Leão XIII empregou, durante o seu longo pontificado, para dar-lhe uma solução harmonica com os direitos da justiça e da caridade.

Quantas e quantas vezes não só nas Encyclicas memoraveis, mas tambem nos seus discursos e allocções, se occupou desta questão gravissima, inquestionavelmente a primeira de todas as que absorvem a attenção da Igreja e dos Estados?

E, todavia, em Portugal, só desde ha tem poucos annos é que a imprensa se bem della occupado, e pouco, bem pouco, na verdade, se tem escripto sobre esta grandiosa questão, de todas a mais candente e monumental.

Desde ha muito que andavamos premeditando a publicação duma obra em que ella fosse tratada scientificamente e magistralmente, em toda a sua profundidade e ramificações multiplices.

Tinhamos conhecimento de varias obras, mais ou menos volumosas, mas bem poucas nos satisfiziam completamente. Umam eram niniamente resumidas, e isto o maximo numero, outras niniamente volumosas. E assim nos achavamos embaraçados na escolha.

No meio da nossa indecisão escrevemos a um nosso docto amigo de Roma, que vive no meio sabio daquella cidade, para que, depois de ouvir a opinião de pessoas competentes, nos indicasse a que melhor conviria ao nosso meio.

E este nosso doctissimo amigo aconselhou-nos a traducção em portuguez do *Curso de Economia Social*, do R. P. Ch. Antoine, S. J., lente cathedratico da Universidade catholica de Angers.

Lemos com vagar esta docta obra, e, quanto mais lemos, mais nos convencemos da optima preferencia que, entre todas lhe deu o nosso amigo de Roma.

Ella é o fructo das lucubraciones do douto cathedratico da Universidade catholica de Angers, o qual, encarregado de ensinar a complicadissima e vasta sciencia de economia social, conseguiu reduzi-la ao methodo scientifico, com grande proveito dos academicos.

O plano da obra, apesar de não muito volumosa, é vasto, as materias apresentam-se methodicamente coordenadas, e, apesar de scientifica no seu fundo, é clara, essencialmente pratica, que é o que mais importa.

Derrama jorros de luz sobre todas as questões multiplices que dizem respeito a economia social, que hoje apresenta um aspecto todo differente do que era nos tempos passados, em razão da revolução immensa que os machinismos modernos vieram introduzir nas industrias, no commercio, e no meio social.

Numa palavra, esta obra não é somente util, mas de absoluta necessidade para todas as pessoas illustradas, seja qual for a sua profissão; o rev. clero e os catholicos precisam de estudá-la para saber a orientação que devem seguir no meio do labyrintho de opiniões encontradas, e muitas dellas falsas, de que o socialismo e anarchismo faz larga propaganda.

A razão que nos leva a dar publicidade a esta obra monumental, que será cuidadosamente revista, é a certeza de que prestamos um valiosissimo serviço, não só á Igreja, mas á propria sociedade civil, que tanto precisa ser elucidada sobre a questão capital que a todos interessa.

Se nos fosse licito, especialissima recommendação faríamos della aos Seminarios, onde o ensino da economia social se torna duma urgencia summa, attentas as circumstancias do nosso tempo. Para texto não se encontrará compendio mais nas condições, a que nada falta nem o methodo nem a clareza nem a substancia.

Condições da assignatura

Esta obra constará de dois volumes, magnificamente impressos em bom papel e distribuidos ás cadernetas de 80 paginas pelo preço de **160 reis**, pagos no acto da entrega.

Todas as pessoas que angariarem 10 assignaturas e se responsabilisarem pelo seu pagamento, têm direito a um exemplar gratis; angariando 15, dois.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Alfredo Paes Pereira dos Santos, administrador da Empresa da *Revista Catholica*—Vizeu.

O Divorcio

Refutação historica, juridica e philosophica dum projecto desastrado dum deputado infeliz, pelo antigo redactor da *Ordem* e professor de sciencias ecclesiasticas no Seminario de Lamego

Mgr. ALMEIDA SILVANO

Preço da obra 500 reis. Pelo correio accresce o porte de 30 reis.

Vende-se:

No Porto — Livraria Popular Portuense, largo dos Lóys, 44, e na Chapelaria Costa Braga, rua de Santo Antonio.

Em Braga—Livraria Escolar, e na redacção do *Commercio do Minho*.

Os pedidos feitos a esta redacção promptamente seram tambem satisfeitos, quando acompanhados da respectiva importancia.

Nova Agencia

DE

Negocios eccleziasticos

SOB A DIRECÇÃO

DE

GERMANO DA SILVA

Solicitador official da Camara Patriarchal

Encarrega-se de todo e qualquer despacho ecclesiastico dependente das camaras ecclesiasticas portuguezas, Nunciatura, Roma ou de qualquer dos Ministerios.

Trata de cartas regias, dispensas matrimoniaes, processos ou dispensas para ordenações e de qualquer negocio congengere com a maxima ligeireza e economia.

Praça do Municipio, 32-2.º

LISBOA

FSTA interessante publicação que está sabido das officinas da TYP. MINERVA VIMARANENSE, de Guimarães, é uma compilação vasta de tudo o que o seu auctor pôde apurar relativamente a este concelho.

A sua regular publicação é uma empresa arrojada de muito trabalho e poucos interesses. Corresponde, além d'isso, a uma necessidade imperiosa, qual é a de reunir com methodo e concisão todas as noticias historicas, corographicas, estatisticas, biographicas, archologicas, heraldicas e genealogicas, dispersas pelos archivos publicos e particulares e pelas publicações especiaes.

E' trabalho unico em todo o país pela vastidão que o auctor lhe deu.

Acham-se publicações os quatro primeiros volumes

A obra constará de 10 volumes, pelo menos, e deverá estar concluida em fins do corrente anno de 1904.

Assigna-se e vende-se na TYP. MINERVA VIMARANENSE, rua de Payo Galvão—Guimarães e em casa do auctor no Logar de Valverde—ARCOS DE VAL DE VEZ.

MEMORIAS HISTORICAS E DESCRIPTIVAS DO CONCELHO DOS ARCOS DE VAL DE VEZ

Por **José Candido Gomes**

Condições de publicação.—Todos os cavalheiros que acceptaram o 1.º volume de declaração de assignatura receberam a obra toda á razão de 200 réis cada volume nesta villa, e mais 50 réis fora d'ella quando a cobrança seja feita pelo correio.

O volume avulso 500 réis.

Recebem-se ainda assignaturas pagando os dois primeiros volumes á razão de 500 réis.

Assigna-se e vende-se na TYP. MINERVA VIMARANENSE, rua de Payo Galvão—Guimarães e em casa do auctor no Logar de Valverde—ARCOS DE VAL DE VEZ.

Pedro Scavini

THEOLOGIA MORAL UNIVERSAL

Edição unica e completa em Portugal

Está já completo o 1.º volume da segunda edição portugueza da importantissima obra de Scavini—*Theologia Moral Universal*—revisita e augmentada sobre a decima sexta e ultima edição latina, pelo Conego J. M. Rito e Cunha, professor de sciencias ecclesiasticas no seminario de Vizeu.

Um grosso volume de 854 paginas, com o retrato do auctor, brochado, 2\$000 reis.

Continua aberta a assignatura por cadernetas ou volumes. Pedidos ao editor e proprietario José Maria d'Almeida—Rua Grão-Vasco—Vizeu.

ACABA DE SE PUBLICAR

NOVO COMPENDIO DE

HISTORIA UNIVERSAL

Contendo a historia antiga, da idade media, moderna e contemporanea

PELO

PADRE ANTONIO MANUEL DOS RAMOS

Professor do Seminario dos Carvalhos

2 volumes..... 1\$500 reis

Deposito geral: LIVRARIA PORTUENSE de Lopes & C.ª, rua do Almada, 119 a 123—Porto.

OS CENTROS NACIONAES

PELO

DOM PRIOR

Manoel d'Albuquerque

Vende-se esta obra em casa do sr. Manuel Joaquim d'Oliveira Bastos—R. de Payo Galvão.

Preço 300 réis.

Confeitaria Fernandes

Largo da Oliveira

AZEITE LEGITIMO DE MONCORVO.

Especialidade em generos de mercearia e confeitaria: sonhos, tortas, sardinhas de doce, morcellas feitas pelo systema de Arouca, pão de ló fabricado pelo systema de Margaride, toucinho do ceu de primeira qualidade, caixas de fructas crystallizadas com enfeites, proprias para brindes, etc.

O proprietario recebe encomendas de doce de prato, respondendo pela perfeição e aceio do seu trabalho.

PREÇOS CONVATIVOS.

DICCIONARIO APOLOGETICO DA FÉ CATHOLICA

Em que se contém as principaes provas da verdade da religião e as respostas ás objecções tiradas das sciencias humanas

POR

J. B. JAUGEY

Presbytero e doutor em Theologia

Com a collaboração de grande numero de sabios catholicos

TRADUZIDO DA 3.ª EDIÇÃO FRANCESA

POR

GOMES DOS SANTOS

Redactor do "Correio Nacional,"

Com auctorização do Ex.º e Rev.º Snr. D. Antonio, Bispo do Porto

Assigna-se no escriptorio do editor Antonio Dourado, rua das Flores, 42—1.º andar—Porto.